

Sob os escombros da Ditadura: a construção da memória e da identidade institucionais nas narrativas da Braskem ¹

Thainá Evellyn Martiniano ALEXANDRE²
Emanuelle Gonçalves Brandão RODRIGUES³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Este trabalho busca compreender como a Braskem constrói sua identidade organizacional a partir da produção da memória institucional, considerando que a história da exploração de sal-gema que resultou no desastre socioambiental em Maceió tem raízes no período da Ditadura Empresarial-Militar. Partindo de uma concepção de organização como discurso (BALDISSERA, 2014), analisamos as narrativas institucionais da Braskem tomando como referência Ricoeur (2006, 2010) e Benjamin (1994). O corpus é constituído de produtos institucionais que narram a história da organização, incluindo sua trajetória local em Alagoas.

PALAVRAS-CHAVE: Desastre socioambiental; narrativas institucionais; Braskem; ditadura militar; relações públicas.

RESUMO EXPANDIDO

O ano de 2024 marca os 60 anos do início da Ditadura Empresarial-Militar⁴ (1964-1985) no Brasil, esse trágico momento que seis décadas depois se entrelaça com outro acontecimento que teve início no mesmo período. A extração de sal-gema em Maceió, Alagoas, foi autorizada em 1966 pelo então presidente ditador, Castelo Branco (1964-1967). O projeto da exploração da sal-gema tinha como função o surgimento de um novo setor industrial para fortalecimento da economia do Estado, o petroquímico, e parte do projeto de modernização capitalista da ditadura (GUSMÃO, 2019).

A responsável pela extração do minério no solo da capital foi a empresa Salgema Mineração Ltda, que em 2002 passou a se chamar Braskem. As mais graves consequências dessa exploração surgiram em 2018, quando tremores atingiram parte da cidade de Maceió, causando rachaduras no solo e em imóveis, provocando o

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos em Relações Públicas e Comunicação Organizacional, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, thaina.alexandre@ichca.ufal.br.

³ Doutora em Comunicação, Professora e Coordenadora do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, emanuelle.rodrigues@ichca.ufal.br.

⁴ Utilizamos o termo Ditadura Empresarial-Militar para falar sobre esse período porque, segundo Dreifuss (1981), ela se constituiu a partir de articulações de organizações financiadas pela classe dominante nacional e por entidades internacionais para a desestabilização do governo de João Goulart. Houve, assim, forte participação do empresariado na articulação para o golpe e também para a manutenção da ditadura durante mais de duas décadas no país.

deslocamento de mais de 60 mil pessoas de seis bairros da cidade. O Serviço Geológico do Brasil (CPRM, 2019) apontou em seus laudos técnicos que os tremores e rachaduras foram causados pela exploração da sal-gema na região.

Seis anos se passaram desde os primeiros tremores e os impactos do desastre provocados pela mineração da Braskem tornam-se cada vez mais concretos na realidade da população atingida e em toda a cidade. A empresa tem abordado o desastre como “evento geológico” que causou “subsistência” do solo. Em seus meios de comunicação institucional, apresenta a segurança como missão da empresa, isto sendo algo além do elemento físico, mas envolvendo as esferas econômicas, a política, a cultura e a afetiva.

Ao mesmo tempo em que nega o significado dos acontecimentos e suas responsabilidades, enfatiza suas ações que visam “compensar” e “assegurar” as vítimas afetadas diretamente pelo desastre. Essa ruptura que a Braskem realiza nos fatos ocorridos e seus significados parece ser uma herança do próprio contexto em que a empresa e a exploração da sal-gema surgem e ganha expressão: a Ditadura Empresarial-Militar.

Este ponto nos é relevante para pensar um dos aspectos importantes nos estudos de relações públicas e de comunicação organizacional: a construção da memória e da identidade organizacional. Nesse sentido, nosso objetivo é analisar as narrativas institucionais da Braskem sobre sua história e compreender como a construção de sua memória institucional produz a identidade da organização. Importante frisarmos o papel crucial da memória dentro dessa perspectiva, visto que a memória é produto de uma elaboração que envolve o esquecimento. O passado é objeto de uma permanente disputa de sentidos na busca da construção de uma memória que favoreça determinados grupos e projetos políticos.

Partindo de uma concepção de organização como discurso (BALDISSERA, 2014), analisamos as narrativas institucionais da Braskem tomando como referência as discussões de Ricoeur (2006, 2010) e Benjamin (1994) sobre narrativa, memória e história. Neste trabalho, consideramos um *corpus* de produtos institucionais que narram a história da organização, incluindo sua trajetória local em Alagoas. São eles os sites institucionais e o relatório de ações do programa de compensação em Maceió, considerando a relevância de pensar como seu desenvolvimento se cruza com os anos da Ditadura no Brasil. A partir desta análise, tentamos entender como a Braskem constrói a memória institucional da organização cujas forças políticas do período ditatorial foram

fundamentais para a exploração do minério que resultou, em Maceió, em um desastre socioambiental de grandes proporções.

Ao compreendermos as organizações como discursos (BALDISSERA, 2014), estamos considerando que elas se produzem por meio de uma relação complexa de disputa de sentidos que envolve, igualmente, forças antagônicas. Através da comunicação, a organização constrói sua identidade, orientando-a não apenas pelas características que lhe são próprias, como também pelos públicos que busca se vincular. Nesse sentido, a comunicação é assumida como fonte de poder.

De acordo com Ricoeur (2010), as narrativas são vetores importantes na produção de identidades, na medida em que a existência está compreendida na narração, o que pode variar em termos de gênero e modalidade. As narrativas de si implicam a construção da identidade organizacional na medida em que ao narrar sobre sua trajetória, a organização se apresenta como um personagem. E esse modo de narrar implica sempre uma visada moral, de modo que se busca organizar uma história conferindo unidade às ações do personagem. Ao construir a si mesma como unidade, portanto, a organização produz uma memória sobre si considerando os interesses do presente. Identidade e memória organizacionais se orientam por estratégias e interesses atuais, não sendo um dado natural.

Ao traduzir ideias ou remontar fatos, a linguagem é um aspecto determinante da comunicação. Segundo Ricoeur (2006), ela exerce uma tripla mediação na compreensão da narrativa: referencialidade, comunicabilidade e compreensão de si. A primeira diz respeito à capacidade da narrativa fazer referências ao mundo; a segunda indica a habilidade de produzir sentidos; e a terceira, por fim, envolve a reflexividade que ela é capaz de produzir em seus leitores, não apenas por identificação, mas também pelo modo como leva o outro a perceber a si mesmo.

Ao falar sobre sua história, a Braskem narra através de uma linha do tempo criada com os momentos mais importantes e de destaque para a organização, desdobradas em duas: a nacional e a da sua atuação em Alagoas. Em Alagoas essa história começa a ser narrada a partir do ano de 1976, quando já havia sido iniciado o processo de extração de sal-gema do solo de Maceió. Em sua trajetória inicial no estado, a Braskem parte do momento em que a ditadura já estava estabilizada e não há citação sobre o período e nem menções sobre figuras políticas que foram importantes para a implantação da petroquímica.

Na linha do tempo nacional, a história se inicia em 1979, a partir da privatização da Companhia Petroquímica de Camaçari, que teve partes suas compradas pela Odebrecht, dona da Braskem. Ambas ações estão ligadas diretamente com o período ditatorial: o processo de privatização de empresas públicas e a ascensão da Odebrecht, uma das empresas que mais acumularam capital no período. Nas duas linhas do tempo, a Braskem narra suas grandes conquistas no mundo empresarial e industrial, como a entrada das ações na bolsa de valores de Nova Iorque e São Paulo, em 2002. No perfil nacional, a Braskem narra também suas inovações tecnológicas e, em 2014, é eleita por uma revista estadunidense, *Fast Company*, como uma das 50 empresas mais inovadoras do mundo. Narra também a ampliação internacional de sua atuação e a inauguração do Complexo Petroquímico no México, em 2016, e nos Estados Unidos, em 2017.

A Braskem narra sua história como um processo linear, uma estratégia comum do historicismo criticado por Benjamin (1994, p. 232), visando “estabelecer um nexos causal entre vários momentos da história”. É a ideia que sua linha do tempo visa justamente transmitir, produzindo uma memória em conformidade com o presente. Seu passado é, em parte, silenciado, especialmente no que tange as relações de poder que possibilitaram a exploração de minério em áreas inapropriadas, a despeito dos riscos apontados (MARQUES, 2022).

Esse progressismo típico da forma linear de contar história segue a lógica capitalista. Nessa direção, as organizações incorporam elas próprias formas comuns de relatos e estratégias de produção de memória sobre si, que vem a se reverberar na identidade organizacional. Sob esta lógica, Benjamin (1994, p. 229) afirma que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras””.

Ao contar sua história, a Braskem narra suas conquistas no ramo que atua. Em seu perfil direcionado a contar sua história em Alagoas, em 2018, a Braskem destaca a “subsistência” do solo da cidade de Maceió, negando sua responsabilidade com o desastre. Mas a partir desse ponto, sua linha do tempo será construída com as ações que a empresa passou a tomar com as vítimas do desastre, ações essas que foram firmadas em um acordo de compensação financeira em Ação Civil Pública dos Moradores com autoridades. Importante frisar que esse acordo foi feito sem a presença de associações e movimentos que representavam as vítimas. No relatório de compensação financeira, um documento

de 38 páginas, a Braskem não cita em nenhum momento as palavras-chave “desastre”, “vítima”, “crise” e “afundamento”.

Na linha do tempo nacional, o desastre socioambiental provocado pela empresa não é citado em nenhum momento. No lugar, a Braskem narra, a partir de 2018, ano dos primeiros tremores em Maceió, seus esforços para tornar-se uma empresa cada vez mais sustentável. Apesar da contradição latente, visto que a mineradora atua em um ramo altamente degradante para o meio ambiente e não sustentável, a Braskem busca associar o valor da sustentabilidade à sua identidade organizacional.

Se, por um lado, como afirma Araújo (2020), a mineração impõe um padrão de violência que resulta na degradação da vida, por outro, defendemos que para além das estruturas materiais, o modelo minerador institui também um modelo de comunicação violenta, que silencia e revitimiza suas vítimas. A história da mineração, no Brasil, se confunde com a própria história do país, o que nos leva a concordar com Benjamin (1994) que a história hegemônica é sempre a história do vencedor. E ele não se cansa de vencer.

Completando seis décadas do golpe Empresarial-Militar e seis anos do início do desastre socioambiental produzido pela mineração da Braskem em Maceió, o que pudemos ver foram relações diretas entre esses dois eventos. A ditadura com seu projeto de país, imposto através da violência de estado e censura, buscou a modernização capitalista de sua economia e indústria a qualquer custo. Além das vidas perdidas, dos presos e desaparecidos políticos até os dias de hoje, como mais uma herança temos o desastre socioambiental causado pela Braskem, que ainda está em curso.

A Braskem segue na construção de sua narrativa institucional buscando desenvolver uma identidade que tem como pilares a proteção do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. A identidade institucional está também ligada à disputa da memória sobre o desastre socioambiental e a atuação da Braskem é orientada para o silenciamento: dos riscos da exploração, dos métodos que o minério foi explorado e, principalmente, do desastre causado por sua mineração. O desastre é silenciado na narrativa institucional da empresa à nível nacional, lacuna preenchida pela mobilização dos valores sustentáveis. Ao construir essa narrativa, a Braskem atua para o silenciamento e afeta a memória, através do esquecimento, das consequências que o seu desastre causou na vida de 60 mil pessoas e de toda uma cidade.

REFERÊNCIAS

ARÁOZ, H. M. **Mineração, genealogia do desastre**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

BALDISSERA, Rudimar. A complexidade dos processos comunicacionais e a interação nas organizações. In: MARCHIORI, Marlene. (org.). **Cultura e interação**. Coleção faces da cultura e da comunicação organizacional. Difusão; Senac: Rio de Janeiro, 2014. p. 113-124.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas I)**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 222-236.

BRASKEM. **Institucional**. Braskem. São Paulo: Braskem, 2024a. Disponível em: <https://www.braskem.com.br/perfil>. Acesso em: 2 fev. 2024.

BRASKEM. **Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação: ações em Maceió**. Maceió: Braskem, 2024b.

BRASKEM. **Braskem: Saúde e Segurança**. São Paulo: Braskem, 2024c. Disponível em: <https://www.braskem.com.br/saudeeseguranca>. Acesso em: 2 fev. 2024.

BRASKEM ALAGOAS. **Braskem Alagoas**. São Paulo: Braskem, 2024. Disponível em: <https://www.braskem.com.br/alagoas>. Acesso em: 2 fev. 2024.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. **Estudos sobre a instabilidade do terreno nos bairros Pinheiro, Mutange e Bebedouro, Maceió (AL): Ação Emergencial no Bairro Pinheiro**. Brasília: RiGeo, 2019 (Relatório Técnico). Disponível em: <https://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/21133>. Acesso em: 22 fev. 2023.

GUSMÃO, Renata Carla Silva de. **Trabalhadores da Construção Civil e Justiça do Trabalho Durante a Ditadura Empresarial-Militar em Alagoas**. 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

MARQUES, J. G. **Braskem além das rachaduras: memórias de um tempo quase esquecido**. In: FRAGOSO, E. (org.). **Rasgando a cortina de silêncios: o lado B da exploração do sal-gema de Maceió**. Maceió: Ed. Instituto de Alagoas, 2022. p. 23-38.

NASCIMENTO, C. E. A.; CAVALCANTE, M. S. A. O. O confronto discursivo entre o conservadorismo empresarial e a memória ambientalista e sindical alagoana. **Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental**, Rio Grande/RS, v. 35, n. 2, p. 42-61, maio/ago.2018.

RICOEUR, P. **A hermenêutica bíblica**. Apresentação François-Xavier Amherdt. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.